

CARTOGRAFIA ENQUANTO MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO: UMA CONVERSA COM VIRGÍNIA KASTRUP

CARTOGRAPHY AS A RESEARCH METHOD: A CONVERSATION WITH VIRGINIA KASTRUP

Natacha Rena*, Marcela Silviano Brandão*, Alemar Rena*, Bernardo Neves*

No dia 3 de outubro de 2016, nós, três dos editores da *Indisciplinar* – Alemar Rena, Marcela Silviano Brandão e Natacha Rena –, nos encontrávamos em Belo Horizonte quando soubemos da passagem da pesquisadora Virgínia Kastrup pela cidade num evento que acontecia na escola de Belas Artes da UFMG. Estávamos fechando os últimos detalhes para começarmos a edição da *Indisciplinar* n. 2, cujo enfoque principal seria um dossiê sobre a pesquisa, a criação e a cartografia, e por isso sabíamos que não podíamos deixar de improvisar uma conversa com ela. Conseguimos agendar um encontro para o fim da tarde do dia seguinte.

Aqueles que estudam e lançam mão da cartografia como metodologia de investigação e criação estética costumam conhecer o nome de Kastrup. Ela é doutora em Psicologia e professora do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ, e desenvolve suas pesquisas nas áreas da cognição, produção da subjetividade, arte e deficiência visual, frequentemente utilizando-se do método cartográfico. É do encontro entre a prática e a teoria, entre o estar em campo e o inventar mundos conceituais que Kastrup traz, para a reflexão acadêmica atual, importantes desdobramentos.

Juntamente de Eduardo Passos e Lílina Escóssia, ela organizou a primeira leva de estudos compreensivos sobre o método da

cartografia (que pode também ser compreendido como um antimétodo, se entendemos o termo “método” stricto sensu), publicando em 2009 o livro *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Em 2016 Kastrup e Passos, agora com a colaboração de Silvia Tedesco, publicaram um segundo volume dessa coletânea – com o subtítulo “a experiência da pesquisa e o plano comum” – atualizando as discussões para os desenvolvimentos atuais do campo. Na companhia desses mesmos parceiros, Kastrup lançou ainda recentemente *Políticas da cognição*, em que os autores vão defender que conhecer, mais do que assimilar aquilo que já se encontra dado, é uma via aberta para a invenção. Invenção de situações, relações e conceitos que não servem somente para expor uma determinada realidade dada e apenas descoberta pelo pensador/pesquisador, mas que se abrem aos anseios coletivos e subjetivos que da realidade humana, em cada tempo e lugar, emanam.

Nossa conversa com Kastrup se deu na EBA-UFMG logo após sua conferência intitulada *O método da cartografia e a pesquisa no campo das artes*, realizada durante o seminário *Epistemologias: Transversalidades nas Artes da Cena*, promovido pelo CRIA – Artes e Transdisciplinaridade, no dia 04 de outubro de 2016. Nessa conversa estiveram presentes Alemar Rena, Marcela Silviano Brandão e Natacha Rena. A transcrição e edição foi feita por Bernardo Neves.

Virgínia Kastrup: Antes de começarmos a conversa, gostaria de ouvir um pouco sobre o trabalho do grupo de pesquisa de vocês, o Indisciplinar.

Indisciplinar: O Indisciplinar é um grupo que acompanha, observa e atua junto aos movimentos sociais, analisando, denunciando, ocupando territórios, ocupando edifícios, mas que também, enquanto grupo de pesquisa e investigação dentro de uma escola de arquitetura e em parcerias com pesquisadores de áreas afins, está muito ligado à produção do espaço e do urbano, e não à edificação como um todo.

Virgínia Kastrup: Daí que vocês fizeram essa coisa do ativismo? Vocês também levam um saber, não é no sentido de orientá-los, vocês são mais um vetor.

Indisciplinar: Sim, e é um diálogo onde aprendemos muito também. Este diálogo é feito por diagramas, informações organizadas, infográficos e muitas fanpages, blogs. Atuamos com dois campos que normalmente não são da arquitetura. Um deles é o jurídico, nós temos um grupo de advogados ativistas forte; e o outro é a comunicação, então produzimos muitas fanpages, muitos blogs, linkados com informações, desde informações artísticas, teóricas, até informações técnicas.

Virgínia Kastrup: Ainda que se saiba que aquela formação é temporária, pode ser evanescente, pode se transformar... Por outro lado, não se pode ficar puramente no fluxo, é necessário amarrar periodicamente, mesmo sabendo se trata de um objeto temporário.

Indisciplinar: As ações vieram antes da produção teórica ou da preparação.

Virgínia Kastrup: Veio primeiro o engajamento.

Indisciplinar: Sim, então tivemos que construir o método, aí entra um pouco de Bruno Latour, para compreender as redes, e entra muito o rizoma de Deleuze e Guattari. E, claro, só conseguimos fazer porque temos esse universo teórico que nos permite legitimar um pouco...

Virgínia Kastrup: Na verdade, o conceito de rizoma é encarnado no conceito de rede, eles são conceitos muito próximos, Latour tem uma inspiração deleuzeana clara. Inclusive ele está trabalhando com a ideia de cartografia de controvérsias, que também é uma cartografia, só que dentro de temas controvertidos, polêmicos.

Indisciplinar: No nosso caso não é só a controvérsia que interessa, porque entendemos que jogar os holofotes sobre determinado conflito, determinada controvérsia, vai expor os atores com muita força. Trabalhamos muito com o dispositivo de linhas do tempo para entender estes processos. Estas linhas do tempo têm camadas, se transformam em diagramas daquele momento. Então, estamos em uma fase de tentar sistematizar essas informações, temos produzido muita informação junto às lutas, e vem a cobrança acadêmica, cadê a sistematização da informação? Como é que vocês trabalham?

Virgínia Kastrup: Isso é um desafio.

Indisciplinar: Na verdade ainda estamos engatinhando. A presente edição da revista Indisciplinar é uma tentativa de começar essa discussão, de fazer uma chamada para cartógrafos no Brasil (e estrangeiros) cujas pesquisas possuem pontos de convergência com a nossa. O objetivo é dialogar com quem está trabalhando com a cartografia dentro da universidade, e com esses métodos tangenciais à cartografia, com a copesquisa, a pesquisa participativa, a pesquisa-ação, trabalhando dentro do universo das artes, da educação, com metodologia cartográfica em sala de aula, junto aos alunos, por exemplo.

Virgínia Kastrup: Então, acho que vocês estão com um trabalho bastante maduro, consistente, com muita coisa articulada com essa rede de atores nessas tensões urbanas. Acho que vocês têm uma pegada muito peculiar à da arquitetura que se envolve com esse ativismo, com essa cidade que está sendo inventada por todos nós, que não é uma cidade à qual você tem que se adaptar, mas uma cidade que está em movimento, com essas intervenções dos atores e da universidade, que também traz seus atores e suas forças nesse lugar.

Indisciplinar: E empurrando os limites da própria academia, os limites da extensão, do ensino e da pesquisa que ainda estão muito separados.

Virgínia Kastrup: Muito separados! Não sei como é pra vocês, mas nós usamos bastante o conceito de pesquisa-intervenção, o que torna completamente sem sentido a diferença entre pesquisa e extensão, uma vez que pesquisa-intervenção é investigação, mas também é produção de realidade, produção de mundo.

Indisciplinar: É a cartografia.

Virgínia Kastrup: Exatamente, é a própria! Porque quando você cartografa, você não é um observador distanciado, você está próximo, sendo afetado pelo campo, e está produzindo afetos, você também é um emissor de signos, está sendo afetado e afetando.

Indisciplinar: E construindo narrativas, dando visibilidades e consequentemente construindo narrativas.

Virgínia Kastrup: Não sei como é na arquitetura, na psicologia não batemos muito no método científico, não entramos nessa querela, na psicologia é muito valorizado o que seja ciência.

Indisciplinar: Na arquitetura também.

Virgínia Kastrup: Na psicologia dizemos que a ciência é isso que produzimos. Essa psicologia que fazemos é muito rigorosa, requer tempo, ela está dentro da ideia da Slow Science, que é realmente a pesquisa de habitação de território, minuciosa. Às vezes, na psicologia, dizer que não é científico é um tiro no pé, e eles agem como se tivessem o poder, como se o conceito de ciência fosse deles. Quando na verdade a psicologia é o que a gente faz nela. Quem vai dizer o que é ou não é psicologia? Quem vai dizer o que é ou não é arquitetura? Acho muito importante. São práticas de produção do saber, produção de conhecimento, de pesquisa, e vamos forçando esses limites a partir dos intercessores que se tem. Por exemplo, o Latour é um intercessor importante, além de Deleuze e Guattari, eles vão forçando os limites da própria arquitetura. Quando é se que faz arquitetura? Quando se implementa um saber pronto? Ou quando realmente se produz expansão do campo? Isso vai se caracterizando por sua consistência, pelo rigor, pelas publicações que faz, vai se constituindo como um saber reconhecido, respeitável e forte na área.

Indisciplinar: Vocês são muito demandados por diversas áreas, gostaríamos que você falasse sobre os outros grupos de pesquisa, já que estamos muito em sintonia com uma prática cotidiana, encarnada, ou seja, não é um trabalho de gabinete que vai para o território. Complementando, aproveitando este contexto de estarmos aqui, em uma escola de belas artes, discutindo a questão da cartografia no contexto das artes, fale um pouco de como você tem visto o processo cartográfico junto das artes.

Virgínia Kastrup: O método da cartografia... Publicamos o livro em 2009, o *Pistas 1 (Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade)*, que era sobre isso, e nós fizemos isso

a partir do campo da psicologia, só que a nossa psicologia já é um campo transdisciplinar. Nós também não somos aqueles psicólogos que só estudaram a psicologia tradicional, temos uma formação completamente transversalizada por Deleuze, Guattari, Foucault e também pelas ciências da cognição, Humberto Maturana e Francisco Varela, são referências muito fortes para nós. Então nós nos formamos como um grupo de psicólogos já estranhos e mais abertos a outras áreas do conhecimento, bastante marcados pela filosofia da diferença e pela crítica do modelo da representação, então isso vem daí.

O método da cartografia é uma produção coletiva, eu e Eduardo Passos organizamos os livros, o primeiro com Liliana da Escóssia Melo, e o segundo com Silvia Tedesco. Nós organizamos um grupo de discussão que trabalhou junto por dois anos, então o livro não é um conjunto de artigos, ele resulta de um processo de criação. Depois que ele ficou pronto, nos demos conta de que ele poderia ir além do campo da psicologia. E realmente observamos que ele começou a entrar no campo da saúde – e a saúde também é um campo transdisciplinar, em um momento em que a saúde pública passa por todas essas discussões do SUS, etc., estavam muito sensíveis a um tipo de metodologia dessa natureza. Observamos muitas entradas no campo da educação, primeiro pela via da arte-educação, depois pela educação de modo geral e no campo da arte, bastante no campo da arte. Acho que esse livro ajuda a pensar domínios em que a processualidade é fundamental, campos que precisam de um método processual por trabalharem com objetos completamente processuais. Então, como trabalhar com métodos que buscassem representar objetos, se a própria matéria da pesquisa é uma matéria fluida em movimento, em vetores múltiplos e heterogêneos? Isso foi muito interessante pra nós. E o livro teve várias edições, uma depois da outra, e até hoje ele nos surpreende. Hoje estou surpresa de saber que ele está sendo uma referência na própria arquitetura, que é campo de processos, e sobre tudo essa arquitetura que acompanha os processos urbanos, as tensões urbanas, problemas que são colocados no dia a dia da cidade, tanto de domínio mais público da cidade quanto das edificações e ocupações. É muito bom ver que ele é uma ferramenta trabalho.

Toda a nossa preocupação foi em não abrir mão da noção de método. A noção de método não pode ser necessariamente reduzida à noção do método tradicional de pesquisa, o método é o como pesquisamos, como investigamos, como fazemos, e esse “como” tem uma dimensão epistemológica, está ligado a determinadas concepções de conhecimento, concepções do que é fazer ciência, e também com uma dimensão política, ética e estética. A cartografia procura contemplar estas três dimensões, mostrando que a produção de conhecimento é, ao

mesmo tempo, algo que tem uma dimensão epistemológica, e também uma dimensão ética, estética e política, dentro deste paradigma que Guattari tanto insistiu.

A questão metodológica está completamente inserida. Como produzir conhecimento sem pensar no tipo de conhecimento que se está produzindo, nos efeitos que aquele conhecimento vai provocar no campo de atuação, ou o texto que se vai escrever? Uma maneira de trabalhar com participantes de pesquisas que têm uma dimensão participativa, que têm uma dimensão de trabalho com pares, de trabalhar com outras pessoas. Qual é o tipo de relação que eu vou ter com eles, vou estudar de fora, ou vou produzir um conhecimento coletivamente, vou pensar com eles? Vou chegar com um saber superior, universitário, achando que vou simplesmente ensinar alguma coisa ou extrair alguma coisa que levarei para casa, ou vou produzir coletivamente? Estas são questões de políticas de pesquisa das quais não podemos abrir mão.

Indisciplinar: Como é que se inaugura esse processo com esse “eles”? No caso de vocês, que são um grupo da psicologia, como acontece essa extensão? No caso da nossa extensão, nós vamos aos territórios, e inaugurar essa parceria é muitas vezes um desafio.

Virgínia Kastrup: Acho que tem duas maneiras de se fazer extensão, uma é quando se propõe o dispositivo. Por exemplo, eu faço uma oficina de fotografia com pessoas cegas, ou uma oficina de corpo com pessoas cegas, uma oficina de leitura com criança de uma comunidade pobre, nesses casos estou criando dispositivos, logo, eu estou fazendo um projeto de extensão. Outra coisa é pegar um dispositivo que já existe e que está em movimento e a pesquisa chega e se instala ali, ela também vai criar um território de pesquisa, mesmo que esse território já exista, o ponto de partida é muito difícil de estabelecer. Às vezes quando se abre o dispositivo, você chega ali e diz: Olha, a gente está aqui e a gente quer fazer uma pesquisa, a gente quer acompanhar esse processo. Então, quando se diz isso, o dispositivo é aberto com eles, eles ficam sabendo, este grupo que está ali é informado de que aquelas pessoas que estão chegando não estão ali só para dar força, elas estão implicadas e engajadas naquele processo, mas elas também vão fazer um acompanhamento de processo para poder escrever sobre isso, pra poder, também, produzir materiais que possam ajudar o próprio movimento.

Quando se estuda e investiga processos, sempre se começa pelo meio. Não tem ponto zero, mesmo que eu comece uma oficina de leitura com crianças de uma comunidade de Niterói, quando chego lá, eu entro em

um casarão que já é habitado, aquelas crianças já passam por ali, o casarão já tem uma oficina de capoeira e as crianças já ficam rondando. Então como vou anunciar? Eu já estou no processo. Mesmo que eu chegue em um determinado dia e diga hoje vai ser a inauguração da Oficina Livração, mesmo que eu faça isso, já estou no meio do processo, então o começo absoluto não existe. O que existe? Existe pactuar com aquele grupo em que, além de estar ajudando, engajado, dando força, você também vai fazer uma pesquisa com eles, e aí você implica e engaja todo mundo no trabalho. Aí entra a questão do pesquisar com, e não do pesquisar sobre, não vou fazer uma pesquisa sobre isso aqui, nós vamos produzir um conhecimento.

Indisciplinar: Por outro lado, eles precisam ver uma vantagem nisso, é um processo complexo. Nós tivemos uma experiência na UFSB de pesquisa de arte urbana, e nas conversas que estabelecemos com os artistas de um bairro de periferia convidamos os artistas para vir até a universidade para rodadas de conversas e para futuramente um trabalho coletivo de pintura. E uma das questões colocada por eles foi “mas por que isso”? “O que nós colhemos efetivamente dessa parceria”? Quando se aproxima de um grupo, no caso do Indisciplinar em Belo Horizonte, às vezes esse grupo já é um movimento social que já tem pautas e causas, e nós entramos para somar em um objetivo que normalmente já é coletivo, que já está posto, e, claro, ao longo do processo outros objetivos surgem. No caso de ser uma comunidade, ou um território indígena, um grupo quilombola, ou uma favela em que você chega com uma proposta, ou chega querendo somar, muitas vezes a pergunta é “qual é o objetivo de vocês”?, e como o nosso objetivo foca no processo, é Hódos-metá não é o metá-Hódos, para a gente é estranho. Quando você está ligado aos movimentos sociais é tudo muito mais claro, mas quando se chega em uma comunidade com um dispositivo que é novo é muito estranho para todos.

Virgínia Kastrup: Eu acho que todas essas questões têm que ser abertas. Em vez de você dizer qual é o objetivo, dizer: não, a gente está chegando, a gente vai ver qual vai ser, mas a gente vai ficar um tempo aí e vamos conversando, pensando isso juntos.

Indisciplinar: Já tivemos algumas situações nas quais não só as pessoas não entenderem porque estávamos ali, ou tiveram uma relação de desconfiança, mas disseram algo como “de novo, nós vamos ser objeto de pesquisa”?

Virgínia Kastrup: Exatamente, nisso eles tem bastante razão. A maioria das pessoas que chegam lá jamais dão uma devolução. Lá no Benjamin

Constant essa situação é recorrente. É necessário que seja criada uma relação de confiança, essa relação não é simplesmente “ahh que legal a universidade chegou”! Não, o pessoal tem o maior grilo, primeiro da hierarquia, daqueles que acham que chega para iluminar, e segundo que muitas vezes eles não entram como participantes reais do trabalho. Então, até perceberem que a sua política de pesquisa é essa política de construção do comum, etc., isso leva tempo, e tem grupos que estão mais escaldados, mais desconfiados, porque a maioria das pessoas sequer especifica o que estudam, elas publicam e não voltam nunca mais.

Indisciplinar: São dois riscos, este do se sentir objeto, mas também a possibilidade de te enxergarem como uma salvação, um salvador da pátria, quando você encarna o personagem daquele que sabe e aí você vai dar a solução...

Virgínia Kastrup: Às vezes são outras coisas também. Por exemplo, se você consegue dar visibilidade ao movimento dele por qualquer razão, porque teve uma revista, ou porque foi feito um site, porque precisa de grana ou de um apoio, ele se direciona a você, porque você se tornou uma pessoa que tem que ajudá-lo, você tem uma dívida com ele e isso tem que ser muitas vezes negociado. Acho que a conquista da confiança e do engajamento às vezes é lenta, mas depois que acontece é muito forte.

Indisciplinar: É muito bonito e muito potente, porque o saber que se vai produzir é um outro saber.

Virgínia Kastrup: Exatamente, porque realmente produz o engajamento sobre tudo quando eles percebem que realmente as questões que são os seus problemas de pesquisa são os problemas deles.

Indisciplinar: Há uma sintonia, algo que não passa pela identidade, mas sim pela sintonia.

Virgínia Kastrup: Por exemplo, pegando o caso da minha pesquisa com os cegos, sempre que vou me encontrar com eles ou entrevistá-los, eu começo dizendo: vocês sabem que nós temos uma batalha com a questão positiva da deficiência visual, com esse negócio de não botar só uma visão negativa de que o cego não vê, mas entender como o cego realmente percebe o mundo, como ele vive, as diferentes formas de estar no mundo. Eu frisei muito essa política, toda vez que me encontrava com eles eu fazia esse preâmbulo, para que entendessem onde eu estava. Então, quando eu dizia isso havia uma sintonia, porque

isso é o que a maioria das pessoas que são cegas querem: que parem de vê-los sob a ótica da deficiência, do que falta.

Indisciplinar: Isso acontece muito com o caso das ocupações urbanas, que é visto como o espaço da precariedade. E quando chegamos lá, encontra uma série de táticas e inventos maravilhosos, eles olham para nós e falam: “mas cês tão achando isso bom”?, e nós: “nossa, isso é genial, olha essa solução”!

Virgínia Kastrup: Quando há uma sintonia na questão do problema e na avaliação política do movimento, é neste ponto que acontece o engajamento. E aí percebo que a partir deste ponto realmente cria-se uma aliança. Hoje, por diversas razões, não estou com meu laboratório dentro do Benjamin Constant, mas tenho uma lista de pessoas a quem telefono, que se tornaram amigos pela causa. Então, se eu quero entrevistar porque preciso de alguma coisa, ou se vou fazer uma visita em um museu, eles dizem: “olha, Virgínia, sempre que você chama eu sei que é legal”. Então realmente procuramos primar pela questão da qualidade, se vamos a um museu, tem que ser uma visita boa, não é qualquer coisa. E eles vão percebendo, porque eles também são cartógrafos, eles também são sensíveis a esses pequenos movimentos da gente, que mostram o que nos afeta, se aquilo que nos afeta é o que os afeta também, acho que conecta, entendeu? E aí há um agenciamento.

Indisciplinar: E aí o afeto entra como um elemento importante.

Virgínia Kastrup: Que não é uma questão ser bonzinho ou ser legal, é uma cumplicidade, se aquilo que os afeta é aquilo que afeta a você também, como pesquisador, como alguém que está no campo, está fazendo a intervenção, acho que ali é que acontece essa parceria.

Indisciplinar: E na hora da pesquisa, como escrever isso, como escrever esses relatos, qual é o risco do relato em mão única, de estar editando e de haver nessa narrativa sempre alguma edição ou recorte?

Virgínia Kastrup: Não vejo a edição como um mal em si, acho que a edição tem que ser feita por razões práticas. Vamos supor, você faz uma entrevista, a transcrição de uma hora custa R\$20,00, então você vai editar, às vezes há uma frase lá acima e outra no parágrafo de baixo que você pode juntar. Então você pode usar os recursos de edição e mostrar que está editando.

Indisciplinar: Deixar transparente a edição...

Virgínia Kastrup: Mas você não está manipulando a informação ao criar um texto mais polifônico, onde você comenta as falas. O que eu acho que é uma forma de participação na escrita, a revisão pode ser feita com eles, sobretudo em pontos nevrálgicos do texto, em pontos que você pode achar que talvez não peguem bem...

Indisciplinar: Ou que eles não queiram que se revele.

Virgínia Kastrup: Não se pode trair a confiança, então, às vezes isto tem que ser debatido em uma mesa, vamos sentar? Eu leio o texto para você, ou vamos ler juntos? Outra coisa muito importante é ver se se colocam ou não os nomes dos participantes. Isto tem que ser sempre negociado com eles. Às vezes é uma honra ter o nome ali, às vezes, por certas razões, não pode ser colocado, mas que ele possa, por exemplo, escolher como quer aparecer no texto, para que ele saiba que é ele, se ele se chama Pedro, mas quer aparecer como João, ele pode saber, tem uma clareza nisso, um pacto, uma negociação, que não é simplesmente colocar S1, S2, S3, nem inventar um nome aleatório que eles próprios não saibam como é a tabela de equivalência, esta é uma forma legal de compartilhar este escrito.

Indisciplinar: No caso do seu parceiro, nas pesquisas que está trabalhando dentro das prisões, como ele vai lidar com essa história?

Virgínia Kastrup: Pois é, neste caso não pode nem haver revelação de nome...

Indisciplinar: Não só de nomes, mas também de ações, táticas inventivas, as coisas que são construídas, os conflitos internos...

Virgínia Kastrup: Acho que ali realmente é caso a caso. Cada caso tem que ser avaliado quando se está mexendo no formigueiro.

Indisciplinar: Há sempre um risco, é a lógica da experimentação.

Virgínia Kastrup: É, a estratégia que serve pra um não serve para o outro, nem sempre você vai pegar, mas é assim, caso a caso. E a avaliação pode ser feita em grupo, podem ser reuniões com cada participante.

Indisciplinar: No Indisciplinar temos feito uma coisa de convidar os movimentos sociais ou os atores envolvidos em algumas das

cartografias que estão sendo feitas. Em uma pesquisa em que o mestrando é ativista chamamos uma roda de conversa. A gente grava, transcreve, coloca no *Google Docs* compartilhado, todo mundo edita, cada um edita a sua parte, corta algo, coloca algo que se esqueceu de dizer, e a escrita é coletiva.

Virgínia Kastrup: Acho ótimo, maravilhoso!

Indisciplinar: Estamos evitando fazer entrevista para dar lugar a esse método mais participativo.

Virgínia Kastrup: Então, só que acho importante que esta metodologia de escrita seja explicitada no texto. Quando se fala em escrita polifônica pensa-se que é simplesmente dar a voz (termo que eu nem gosto), e que fazer texto polifônico é colocar a fala literal de cada um. Quando eu acho que não é bem isso, pode-se usar o que Deleuze chama de discurso indireto livre, onde você dialoga, mistura as falas produzindo um texto vivo e coletivo, sem ter que estar nomeando cada uma das aspas. Mas o mais importante neste texto polifônico é ter os problemas explicitados, isso realmente é a chave da questão, ter uma coisa que é o problema deles. Trata-se de conseguir escutar o problema que é pertinente ao campo, o que o campo exige, o campo é exigente.

***Natacha Rena** é professora da Escola de Arquitetura e Design da UFMG, líder do grupo de pesquisa Indisciplinar, coordenadora do programa extensionista IndLab-Laboratório Nômade do Comum e coordenadora do INCT Tecnopolíticas: territórios urbanos e redes digitais. **Contato:** natacharena@gmail.com.

***Marcela Silvano Brandão** é professora da Escola de Arquitetura, Urbanismo e Design da UFMG. **Contato:** marcelasbl.arq@gmail.com.

***Aleamar Rena** é professor adjunto da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), em Porto Seguro, onde coordena o curso de Licenciatura Interdisciplinar em Artes e suas Tecnologias. **Contato:** alemarrena@gmail.com.

***Bernardo Neves** é mestrando em Arquitetura e Urbanismo no NPGAU-UFMG, pesquisador do grupo de pesquisa Indisciplinar e arquiteto autônomo e militante das Brigadas Populares. **Contato:** bnp.arquiteto@gmail.com.